

THEOBALD, Christoph; SAUGIER, Bernard; LEROY, Jean; LE MAIRE, Marc; GRÉSILLON, Dominique. **L'Univers n'est pas sourd**. Pour un nouveau rapport sciences et foi. Paris: Bayard, 2006. 388p.

(O universo não é surdo: por uma nova relação entre ciência e fé)

João Batista Libanio*

Esta é uma obra conjunta de um grupo de quatro pesquisadores cientistas – dois físicos e dois biólogos – e um teólogo, que se reúne cada mês, faz uns 20 anos, em Gif-sur-Yvette, para trabalhar as relações entre a fé cristã e a cultura científica.

A linguagem dos cientistas não é a dos teólogos. Foram necessárias muitas reuniões para que cada membro do grupo aceitasse a visão do outro e a assimilasse. Houve o esforço de apresentar uma visão unificada. Apesar de refletir várias vozes e estilos diferentes nos capítulos, a divergência não é essencial. Entre os extremos dos que imaginam que o *Big Bang* serve de prova da existência de Deus e dos que consideram o universo um absurdo e a inexistência de Deus a partir de dados científicos, o livro se situa no esforço do diálogo interdisciplinar e na afirmação da liberdade de dar sentido à nossa existência no universo.

O objetivo do livro é guiar o leitor nas questões que se põem sobre as origens e o destino do ser humano no universo. Na primeira parte, busca-se o que as ciências ensinam sobre as origens do universo (capítulo primeiro), do ser humano (capítulo segundo). O capítulo terceiro estuda as especificidades da humanidade e sua capacidade de modificar-se ela mesma por meio das técnicas e das regras de vida. As linhas principais da “grande narrativa”, trabalhada em várias obras, são abordadas aqui por duas razões essenciais. Ela é

* Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma; professor de Teologia Fundamental no Programa de Pós-graduação da FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte); membro do Núcleo de Estudos em Teologia da PUC Minas.

uma reconstituição e precisamos conhecer-lhe os métodos utilizados para fazê-la. Em seguida, levantam-se questões relevantes sobre nossas origens e sobre nosso futuro, num estudo de fronteira entre ciências, filosofia e teologia, exigindo exposição detalhada do assunto. Tais questões constituem o núcleo do livro que supõe reflexão calma e não apressada.

As questões de sentido são tratadas na 2ª parte. O texto começa, no capítulo quarto, com as três perguntas de Kant: Que posso saber? Que devo fazer? Que me é permitido esperar? Trata-se de reler Kant hoje. Confronta as questões científicas com a questão do sentido. Estabelecem-se as possibilidades e os limites do conhecimento científico. Uma série de questões trata da cosmologia, em particular da teoria do *Big Bang* e do *Big Crunch* e da evolução. Um terceiro grupo de interrogações versa sobre a vida. E, em seguida, sobre a especificidade humana e o papel do ser humano no mundo.

O livro apresenta, no capítulo quinto, uma série de testemunhos de cientistas famosos – crentes, ateus ou agnósticos – sobre proposições de sentidos, seguidas de análise na perspectiva do método proposto no capítulo anterior. Os textos selecionados são de: Isaac Newton, Albert Einstein, Werner Heisenberg, Cl. Lévi-Strauss, Steven Weinberg, Jacques Monod, Pierre de Teilhard de Chardin, Fritjof Capra, Trinh Xuan Thuan, Bernard d'Espagnat.

A terceira parte intenta responder às questões da primeira parte sobre as origens, com a ajuda da tradição cristã. Assim, o capítulo sexto apresenta essa tradição entre outras para dar sentido à nossa existência. As narrações bíblicas da criação conduzem à ressurreição e esta permite ler a criação de maneira renovada. Analisa o desígnio de Deus na criação através dos evangelhos e das epístolas de Paulo e apresenta a tradição cristã como cadeia ininterrompida, mas aberta, de pessoas que, em cada época, relêem as narrativas evangélicas e reinterpretam a intuição dos primeiros crentes, como os profetas e os sábios de Israel, Jesus e os seguidores. É uma abordagem devedora às ciências das religiões que não inclui necessariamente uma participação na tradição cristã.

O capítulo sétimo, intitulado “O sentido revelado”, ultrapassa o limiar da fé. Depois de recordar brevemente o que seja revelação, mostra como a fé na revelação modifica o olhar sobre o universo e permite tratar as questões das origens e do fim de modo que seja coerente tanto com a fé cristã quanto com os conhecimentos científicos atuais. A fé cristã não é nenhuma doutrina fixa, mas um peregrinar para dar sentido à nossa presença no universo.

Na diversidade dos escritores, aparece a unidade do processo. Tenta superar a estranheza entre tantos escritos científicos e linguagem bíblica. Para superá-la conduz o leitor por um método próprio.

Estabelece-se, de início, o procedimento científico de hoje do conhecimento, as regularidades ou leis que ele valoriza, os modelos que permite construir. Coloca entre parênteses o sujeito que o adquire. As leis se exprimem com a lógica e a racionalidade matemáticas. Os modelos são construções intelectuais unificadoras e relativamente eficazes.

Com a autonomia das leis naturais, dos cataclismas e dos acidentes, com os conflitos e massacres, em face da morte dos outros e da nossa, deve-se concluir pelo absurdo de dar sentido, origem e orientação à nossa vida? Estão aí em jogo interpretações. Na objetividade do conhecimento, o ser humano não recebe competência particular para falar de si mesmo.

Para falar de nós mesmos, devemos interrogar sobre a vida, sobre nossa vida individual, não no sentido biológico, mas como capacidade de ser, de conhecer, de inovar. Ela tem algo de gratuito. Israel na perseguição de Antíoco Epifânio, ao ver os seus filhos perseguidos, se escandalizou. Tantos outros, como nós também, ficamos chocados diante de catástrofes fatais. No entanto, certos aceitam de receber a vida como dom e esperar vida nova. Nessa perspectiva aparece a ressurreição como último sentido da vida.

O livro passeia por campos das ciências, da filosofia e da teologia na busca de diálogo compreensivo entre eles. A teologia fecha o estudo, como na realidade ela o faz na vida, oferecendo-lhe o sentido último.